

# 25 de Abril – A data que devia unir os portugueses

written by Alberto Jorge Santos | 25 de Abril, 2026

**OCIDADÃO**  
Journalism Livre

**EDITORIAL**  
Alberto Jorge Santos



A maioria dos cidadãos portugueses, **a partir de 1970, estava cansado de Guerra Colonial**, repressão, “eleições” falsificadas, censura aos livros e a outras obras de arte. Aos jornais e a todas as formas de comunicação. À mulher tratada como “coisa”. À proibição de associação. Da PIDE/DGS. Dos polícias de costumes. Em suma, aos muitos deveres e a (muito) poucos direitos.

**Também os países europeus livres criticavam, de forma incisiva**, o regime português.

**Nas Colónias**, a carnificina afetava, inexoravelmente, os jovens portugueses. E as forças nacionalistas africanas, apoiadas por Estados Unidos e Rússia, iam tendo cada vez meios mais sofisticados **para atacar os militares portugueses**.

E os oficiais das Forças Armadas entraram em rota de colisão com o governo, **por causa da perda de regalias**, com a introdução nas chefias de oficiais milicianos. Cada vez havia menos gente disposta a combater e **muitos jovens fugiam do país**.

Nas universidades, **principalmente a partir de 1969**, vivia-se um clima de “cortar à faca”, tendo o regime de recorrer a “gorilas” para controlarem e reprimirem os estudantes. Os do “Contra”, ou eram presos ou enviados para a guerra.

Conspirava-se em todas as casas em que a literacia política e intelectual era mais elevada.

E os oposicionistas assumidos, **“cheiravam” o fim do regime**.

Até **Kaúlza de Arriaga**, um General portuense com ideias extremistas de direita, criticava as hesitações de Marcello Caetano e ameaçava atuar.

Não esqueçamos, também, que em dezembro de **1972**, a Assembleia Geral da ONU reconheceu a **“legitimidade da luta armada contra Portugal em África.”** Em **1973**, a Guiné-Bissau proclamou, **unilateralmente, a independência**.

No início de **1974**, **António de Spínola**, um respeitado General, publicou o livro **“Portugal e o Futuro”**, no qual defende uma **solução reformista e não armada para a Guerra Colonial**.

Só o partido único português – a Ação Nacional Popular, sucessora da União Nacional – os apaniguados “cegos” do regime, os que tinham benesses por servi-lo, latifundiários alentejanos, a PIDE/DGS e a Legião Portuguesa iam segurando **um tronco cada vez mais inclinado, desgastado. Podre mesmo**.

Depois de tocar a **“Grândola Vila Morena”\***, às 00:20, do dia 25 de abril, no **programa Limite, da Rádio Renascença**, em fita pré-gravada, após **Leite de Vasconcelos**, o locutor, ter lido as primeiras estrofes da cantiga de José Afonso, não havia como fazer marcha atrás. Os capitães, por muito que quisessem, apenas, resolver as suas condições salariais e de carreira,

**não o podiam concretizar com o Governo vigente. E com o apoio da população, só havia um caminho – pôr fim a um sistema político repressivo com 48 anos.**

Depois da rendição do Ministro do Interior, César Moreira Baptista, foi a vez do Presidente do Conselho, que exigiu a presença de um **General e não um oficial inferior**. Assim foi – **O General António de Spínola “recebe “ o poder das mãos de Caetano e o regime, por fim, cai.**

Nos primeiros comunicados do **Movimento das Forças Armadas (MFA)**, difundido pela rádio, a população é informada de que o Estado Novo seria substituído **pela liberdade política e social, por um regime democrático e eleições livres.**

**E é este momento que refiro no título deste Editorial. O momento de união. O fim da ditadura. Que merece ser comemorado e nunca esquecido.**

O que veio a seguir, foi a “ressaca” normal de um Golpe de Estado. **As vinganças políticas, os ajustes de contas, as questões mal resolvidas.** Foi um ano de **PREC**, esse nome que causa dores de cabeça a muita gente. Foi a consequência. Impossível de travar, **face a quase 50 anos de ditadura.** Podia ter acontecido uma guerra civil!

Obviamente, **houve presos políticos depois do 25 de Abril até 25 de novembro de 1975.** Primeiro, os agentes da PIDE/DGS e informadores, os indivíduos envolvidos com a intentona de Spínola no 28 de setembro e, também, os alegados sabotadores às iniciativas da esquerda e extrema-esquerda, forças dominantes nessa época, com o PCP e Otelo Saraiva de Carvalho na vanguarda. Até os revolucionários de extrema-esquerda, Fernando Antunes e Isabel do Carmo e vários militantes do MRPP foram presos, Aliás, este partido político foi impedido de concorrer às eleições de 1975. Danos colaterais de um Golpe de Estado.

Nada parecido com outras revoluções – **Rússia, Irão, Argentina,**

**Chile, Paraguai, Cuba, por exemplo. Nestes países, sim, desfechos trágicos para milhões de pessoas. Milhares mas prisões durante outro meio século, fuzilamentos, perseguições permanentes. Terror.**

Os portugueses foram poupados a desgraça semelhante. O mérito foi **das ações do MFA e do realismo de Marcello Caetano**; percebendo o risco, **rendeu-se**, para não haver um **“banho de sangue”** e ao povo português, claro. **que saiu em massa para as ruas no apoio aos militares.**

Foi esse momento, quando Spínola **“recebe” a rendição do Presidente do Conselho**, que abriu as portas para os portugueses poderem decidir o seu destino, em eleições livres. Permitiu-nos o debate, sem medo dos **“ouvidos das paredes”**. Transformou um país do **“orgulhosamente sós”, “cinzento”, triste, rural, onde o medo era rei, numa nação moderna, livre e democrática.**

**Pode haver melhor sistema político no futuro? Não sei. Mas este, em que vivemos, é o melhor desde a implantação da República, pelo menos.**

Uma data que **devia unir os portugueses e não dividi-los**. Porque foi a que derrubou a ditadura. **Algum cidadão será feliz quando vive sob repressão?**

**Não deixemos, pois, morrer a LIBERDADE. Viva o 25 de Abril!**

*\*O locutor da Rádio Renascença, Leite Vasconcelos, no programa “Limite”, leu os primeiros versos da letra e pôs a música a tocar; o produtor do programa foi Carlos Albino e Manuel Tomás, o sonoplasta. Justo apresentar a equipa dessa noite que preparou a senha da revolução, escolhida pelo capitão Almada Contreiras, do MFA.*